

“Democracia de baixa intensidade”

O 5º Congresso terminou com o discurso da ministra do Tribunal Superior do Trabalho, Delaíde Alves Miranda Arantes, que fez questão de tratar, na primeira parte, da reforma trabalhista. “Esse não é o painel de reforma trabalhista, mas considero que uma ministra do Tribunal Superior do Trabalho no Brasil não pode fazer qualquer fala sem se referir aos acontecimentos”, justificou. A ministra se referia ao fato de que no dia anterior à sua participação no evento, havia sido divulgado o resultado de julgamento favorável, do Supremo Tribunal Federal, a terceirização ampla. Na verdade, a ministra fala neste discurso sobre a “Desconstitucionalização, desdemocratização e desconsolidação de direitos sociais”. “Essa afirmação é do professor Boaventura Sousa Santos, sobre o fato de que vivemos em regimes autoritários que se disfarçam de democráticos”. Leia abaixo os principais trechos.

Sobre a decisão do STF

“Tivemos 388 anos de escravidão e 130 anos de trabalho livre apenas. Somos a nona economia mundial e ocupamos o 75º posto no ranking de IDH. Numa sociedade em que 72% dos trabalhadores ganham até dois salários mínimos, em que micro e pequenas empresas empregam 52% dos quase 100 milhões de trabalhadores, não era necessário uma reforma para atrair capital estrangeiro. Não é o banqueiro, não é o capital estrangeiro, não é o sistema financeiro que oferece a maioria dos empregos aqui.”

“O Brasil é o quarto país do mundo em acidente do trabalho de acordo com a OIT. Temos levantamentos recentes que mostram mais de 300 mil trabalhadores em situação de trabalho análogo ao de escravo em pleno século 21. Uma pesquisa de mídia publicada em 2017, da secretaria de comunicação do governo federal, que dá conta de que 83% dos 207 milhões de brasileiros só se formam pela televisão, 71% apenas através da TV Globo. Decorre daí a nossa dificuldade de mobilização.”

Sobre suposto excesso de ações trabalhistas

“Só para ilustrar a litigiosidade da justiça do trabalho brasileira, que tem sido atacada. ‘É maior do mundo’, alguém já disse. Tem gente que vai até fora do Brasil dizer que aqui tem o maior número de ações trabalhistas do mundo. O (estudo) Justiça em Números publicado em 2017, mostra que a justiça comum estadual detém 79,8% das ações; a justiça federal, 12,3; e a justiça do trabalho, 6,8%. Fiz um levantamento a partir de matérias e artigos que são publicados. O número de ações trabalhistas contra bancos despencou 62% depois da reforma, a maior queda registrada. Foram 15.600 ações entre janeiro e junho de 2018, contra 40 mil no mesmo período em 2017. Na indústria, queda de 45% e nos serviços e comércio, queda de 36% e 33% respectivamente. Não seria tão problemático se fosse uma queda real, de ações trabalhistas ‘aventureiras’ como chamam os defensores da reforma, mas sabemos que não é.”

Sobre saúde e segurança do trabalho

Não poderia entrar nesse tema sem falar sobre os graves acidentes do trabalho de 2017 da Usiminas na primeira quinzena de agosto. Foram registrados 3 acidentes do trabalho em sequência: em 8/08, um trabalhador morreu enquanto fazia manutenção de equipamentos, em 10/08 uma explosão com o gasômetro deixou mais de 30 feridos, e em 3/08 um trabalhador terceirizado teve que amputar o braço após se acidentar com uma correia transportadora. O Observatório Digital de Saúde do Ministério do Trabalho mostra que na região do Vale do Aço, no leste de Minas Gerais, foram registrados 1.242 acidentes de trabalho em 2017, com três mortes. Esse é um cenário que contém a tristeza e que é preciso registrar.”

Delaíde termina sua participação com um relato sobre as ações promovidas pelo programa em favor do trabalho seguro do TST. “O Programa Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho do TST, do Conselho Superior da Justiça da Bahia, foi instituído em Maio de 2011. Atua em sete linhas políticas, públicas, de diálogo social, institucional e educação para a prevenção, compartilhamento de dados e informações, estudos e pesquisas, efetividade normativa e eficiência jurisdicional”, explica. E com uma retrospectiva das lutas, que encerra com ajuda de Cora Coralina, poetisa goiana e do mundo que assina a poesia ao lado:



Delaíde Alves Miranda Arantes

“Desistir? Já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério. É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas; mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros; mais estrada no meu coração, do que medo na minha cabeça”